

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

THAIS BAI STALMANN DE FREITAS

**IMPLICAÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL NA EDUCAÇÃO:
PRIMEIRAS REFLEXÕES**

MARINGÁ, 2018.

THAIS BAI STALMANN DE FREITAS

**IMPLICAÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL NA EDUCAÇÃO:
PRIMEIRAS REFLEXÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC –
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada no Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual de
Maringá.

Orientadora: Celma Regina Borghi Rodriguero.

Maringá, 2018

IMPLICAÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL NA EDUCAÇÃO: PRIMEIRAS REFLEXÕES

THAIS BAI STALMANN DE FREITAS ¹
CELMA REGINA BORGHI RODRIGUERO ²

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso traz como tema a Psicologia Histórico-Cultural e suas implicações na educação. Teve como objetivo, refletir sobre a função mediadora do professor e, como esta poderia possibilitar ao aluno, melhor acesso aos conceitos científicos. Trata-se de um estudo de caráter bibliográfico, utilizando obras e estudos de L. S. Vigotski (1896-1934). A pesquisa justifica-se pelo interesse em aprofundar estudos realizados na graduação, incluindo uma iniciação científica, além da importância de aliar teoria e prática, a fim de vislumbrar caminhos para o trabalho pedagógico. Seu desenvolvimento permeou os conceitos principais da abordagem vygotskiana, buscando tecer relações com o papel do professor e recursos passíveis de utilização, tais como a brincadeira, nos processos de ensino e aprendizado. Por fim, como resultado, pudemos evidenciar que a Psicologia Histórico-Cultural, se efetiva nas mediações do professor, que mediando o conhecimento produzido pela humanidade no decorrer da história, visa a promoção intelectual, de caráter reflexivo para seu aluno.

PALAVRAS- CHAVE: Aprendizagem. Psicologia Histórico-Cultural. Professor. Mediação.

ABSTRACT: The present article of Final Graduation Works brings as a theme Historic Cultural Psychology and its implications in education. The objective is to reflect on the mediating role of the teacher and, as this could enable the student, better access to scientific concepts. Taking into consideration that it is a study of bibliographical character using theoretical reference of the authors of this approach of Vygotsky. The research is justified by the interest in deepening studies realized in the scientific initiation, besides the importance of allying theory and practice, in order to glimpse paths for the pedagogical work. Its development permeated the main concepts of the Vygotskian approach, seeking to establish relationships with the role of the teacher and resources that can be used such as play in the teaching and learning processes. Finally, as a result, has considered that Historic Cultural Psychology, if effective in the participation of the teacher as mediator of the knowledge produced by humanity in the course of history, aims at the intellectual promotion, of a reflective character for his student.

Keywords: Learning. Historic Cultural Psychology. Teacher. Mediation.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

² Professora Doutora do Departamento de Teoria e Prática da Educação. Orientadora do TCC.

1. INTRODUÇÃO

O tema escolhido para o presente trabalho de conclusão de curso (TCC) complementa o caminhar de estudos realizados na graduação por meio de uma iniciação científica³ (PIC), iniciação esta, que motivou a continuidade, uma vez que, trouxe diversos questionamentos e, portanto, mostrou a necessidade de compreender um pouco mais a temática da Psicologia Histórico-Cultural (PHC), voltando agora o olhar para as implicações e efetivação da mesma na prática pedagógica e a função mediadora do professor.

Lev Semionovich Vigotski⁴ (1896-1934) constitui-se em um dos maiores representantes da PHC e buscou por meio de seus estudos, explicar como se originam e como se desenvolvem as funções complexas do pensamento (FCP) que são aprendidas, tais como a atenção, a memória, o pensamento abstrato, dentre outras. Partimos do princípio de que “[...] a concepção de Vigotski sobre o desenvolvimento é também uma teoria da educação” (VIGOTSKI, 1999b, p.7).

Para o teórico em questão, a criança está em constante aprendizado com o mundo que a cerca. Logo, todo conhecimento é construído socialmente, no âmbito das relações humanas, no decorrer da história da humanidade como um todo e da história de cada indivíduo. Para Vigotski, o bom aprendizado é aquele que se adianta ao desenvolvimento, de modo que o ensino bem organizado incentiva o desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente elaboradas e especificamente humanas. À vista disso, o professor em sua prática, atua na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), possibilitando ao aluno, ampliar seu campo de conhecimento.

Nestes termos, o objetivo do presente estudo consiste em refletir sobre a função mediadora do professor e, como esta possibilitaria ao aluno, o melhor

³ PIC Intitulado O papel da linguagem na constituição das funções complexas do pensamento: primeiras reflexões. Orientado por Celma R. B. Rodrigo: <http://www.eaic.uem.br/eaic2018/anais/artigos/2524.pdf>.

⁴No Brasil não há ainda uma padronização na grafia do nome do teórico, sendo encontradas diferentes possibilidades de escrita de acordo com as traduções: Vygotsky, Vygotski, Vigotski, dentre outras. Neste trabalho adotamos a grafia Vigotski, no entanto, respeitaremos a grafia das obras referenciadas.

acesso aos conceitos científicos, sendo que a '1 questão norteadora do estudo pode ser colocada da seguinte forma: quais pressupostos básicos da Psicologia Histórico-Cultural evidenciam-se na função do professor e na prática pedagógica? Visando o atendimento do objetivo geral, trataremos dos conceitos principais da abordagem vigotskiana; discutiremos o papel do professor na perspectiva histórico-cultural e por fim refletiremos sobre possíveis recursos fundamentados na Psicologia Histórico-Cultural.

A pesquisa justifica-se pelo interesse em aprofundar conhecimentos vistos em sala de aula e, explorados na iniciação científica, além de uma melhor compreensão da importância de aliar teoria e prática, a fim de vislumbrar caminhos para o trabalho pedagógico. Como afirmam Coelho e Pisoni (2012, p. 150), “[...] o trabalho pedagógico deve estar associado à capacidade de avanços no desenvolvimento da criança, valorizando o desenvolvimento potencial e a zona de desenvolvimento proximal”, buscando-se assim, ofertar além do que a criança já possui, possibilitando o aumento de seu repertório de aprendizados.

Trata-se de um estudo teórico bibliográfico que transita pelos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, a qual tem como maior representante o psicólogo russo L. S. Vigotski. Conforme destacam Lakatos e Marconi (1992, p. 44) a pesquisa bibliográfica facilita compreender que “[...] se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo [...] exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar”. Desse modo, como destacam as autoras, a pesquisa bibliográfica pode “[...] ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica”.

Quanto à organização do trabalho, primeiro trataremos sobre o teórico em questão, e seus pressupostos, apresentando alguns dos principais conceitos representativos da abordagem, dentre os quais: a mediação, ou seja, como o social intervém no aprendizado do outro, levando a um desenvolvimento, que não aconteceria naturalmente; a formação de conceitos; o nível de desenvolvimento real (NDR); o nível de desenvolvimento potencial (NDP); e, a zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Num segundo momento

abordaremos a função do professor na perspectiva em tela, por fim, discutiremos possíveis recursos para o trabalho pedagógico e apresentaremos nossas considerações finais.

2. A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: PRINCIPAIS CONCEITOS

Tratamos aqui sobre L. S. Vigotski e alguns de seus pressupostos da THC, representante maior da abordagem definida para o estudo, assim como sobre os conceitos principais da abordagem vigotskiana.

Partimos da premissa de que a educação faz parte da humanização do homem. Pela história, aprendemos que nem sempre a escola foi fundamental ao homem, como o é no século XXI. O conhecimento, somado à nossa capacidade de modificar a natureza é o que nos torna diferentes dos demais seres vivos. A capacidade de aprender, pensar, imaginar, criar e muitas outras capacidades, vão tendo origem e sendo desenvolvidas ao longo da vida do homem.

Na educação, há diferentes teorias que conduzem a prática em sala de aula, uma destas é a Psicologia Histórico-Cultural (PHC) que tem seus princípios em L. S. Vigotski (1896-1934), teórico que buscou a construção de uma nova Psicologia, uma Psicologia que resgatasse o valor e a dignidade da pessoa. Vigotski nasceu no ano de 1896 na cidade de Orsha, localizada na Bielo Rússia. Foi um grande estudioso, formou-se em Direito, frequentou aulas de História e Filosofia, atuou como professor nas áreas de Literatura, Pedagogia, Psicologia e Filosofia. Desenvolveu suas pesquisas em Psicologia do desenvolvimento e educação, e devido à tuberculose, teve suas pesquisas e produções interrompidas no ano de 1934 (VIGOTSKI, 1999b).

Suas obras foram elaboradas em uma situação crítica no país em que vivia, uma vez que, estava em meio a uma 'batalha da conscientização' e, a Psicologia, ainda não era considerada uma ciência, assim,

[...] consistia em libertar-se, por um lado, do behaviorismo corrente e, por outro lado, da abordagem subjetiva dos fenômenos mentais enquanto condições subjetivas exclusivamente internas, cuja investigação só pode ser realizada por introspecção (VIGOSTKI, 1999b, p.8).

Uma das obras do referido teórico chegou a ser proibida, ainda assim, seu impacto foi enorme frente aos estudiosos da área.

Na PHC Vigotski considera o homem “[...] ser biológico e ser social, enquanto membro da espécie humana e participante de um processo histórico”, uma vez que, “[...] o homem transforma-se de biológico em sócio-histórico, num processo em que a cultura é a parte essencial da constituição da natureza humana” (OLIVEIRA, 2011, p. 24 e 25).

De que forma ocorreria tal transformação? Qual o caminho percorrido? Para o presente estudo, entendemos ser essencial compreender o papel da mediação, uma vez que, é por meio dela que o aprendizado é constituído. Vigotski (1999a, p. 72) apresenta dois principais elementos mediadores para o ser humano, os instrumentos e os signos. Conforme destaca “[...] a função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade, ele é orientado externamente”. Os instrumentos permitem ao homem controlar a natureza, por exemplo, se ele não possui o machado, seu trabalho de cortar a árvore se tornará árduo, no entanto, com o machado sua ação é mais instantânea, ou como nos dias atuais, o uso da serra -elétrica. O caderno e o lápis permitem ao homem guardar memórias, de maneira a ser mais fácil relembrá-las quando desejar, e assim ocorre com muitos outros instrumentos, na vida do ser humano, como o computador nos auxilia em diversas atividades.

Já os signos, conforme propõe a abordagem, podemos chamar de atividades psicológicas, que permitem ao ser humano desenvolver a competência em suas ações, isto é, de acordo com Oliveira (2011, p. 32) “[...] uma marca externa, que auxilia o homem em tarefas que exigem memória ou atenção”. Assim, instrumentos e signos unidos, somados à mediação, são fundamentais, pois, permitem o desenvolvimento das Funções Complexas do Pensamento. Afinal, são elementos mediadores e, sendo a mediação um processo de intervenção, é na relação que o homem estabelece com outros homens e com natureza, se formam as FCP. Estas são especificamente humanas, mas não inatas e dentre elas destacamos a memorização ativa, a

atenção voluntária, a imaginação e, o pensamento abstrato, que envolvem o controle consciente do comportamento.

Destarte, quando o sujeito internaliza o conhecimento, ele somou uma nova base de saber, pois de acordo com o teórico, “[...] a internalização de formas culturais de comportamento, envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos” (VIGOTSKI, 1999a, p. 75). Uma criança internaliza o conteúdo, quando o mesmo tem significado para si, não é apenas memorizar, mas compreender o todo do que lhe foi ensinado, a criança precisa apropriar-se dos conceitos, para utilizá-los em suas ações, pois o conhecimento promove o desenvolvimento intelectual.

Assim, como afirma Vigotski (1999b), cada palavra já é uma generalização, logo seu significado é um ato do pensamento, pois uma palavra sem significado é um som vazio. Desse modo, quando a criança internaliza o que é uma mesa, ela saberá que não é somente um instrumento que auxilia, mas que possui signos, quando se retrata a mesa, temos a mesa de jantar, da sala de estar, a do professor e demais, ou seja, que o homem possui um objetivo para utilizar a sua superfície. Concordamos com Oliveira (2011, p. 37) quando afirma

Quando um indivíduo aprende, por exemplo, o significado de “cavalo”, esse conceito, internalizado pelo indivíduo e compartilhado pelos outros usuários da língua portuguesa, passa a ser uma representação mental que serve como signo mediador na sua compreensão do mundo.

Dessa maneira, as FCP possuem um suporte biológico, no entanto, o funcionamento psicológico irá desenvolver-se a partir das relações que se estabelecem entre o homem e o meio social, posto que, “[...] o aprendizado deve ser combinado de alguma maneira com o nível de desenvolvimento da criança” (VIGOTSKI, 1999a, p.111). Os níveis referidos pelo teórico compreendem: o nível de desenvolvimento real (NDR), representado pelo que a criança de forma independente consegue resolver; o nível de desenvolvimento potencial (NDP), que é representado pelo que a criança é capaz de fazer, mas, depende do auxílio de um adulto; e, por fim, a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), entendida como o espaço de mediação, ou

seja, onde ocorre a intervenção do outro social, intervenção essa que promove um avanço que não ocorreria naturalmente (VIGOTSKI, 1999a).

A criança vivencia inúmeros aprendizados ao longo dos anos e, conforme destaca Vigotski, o bom aprendizado é aquele que se adianta ao desenvolvimento, logo é aqui que o papel do professor realiza-se, pois, o ensino bem organizado estimula o desenvolvimento das funções complexas, culturalmente elaboradas e especificamente humanas. O professor pela mediação intervém na ZDP, possibilitando avanços que não ocorreriam naturalmente, a vista disso, o aprendizado se dá pela internalização de conceitos vindos da aprendizagem social, através da mediação.

Nesta linha de pensamento, “[...] um dos instrumentos básicos inventados pela humanidade é a linguagem, e Vigotskii deu ênfase especial ao papel da linguagem na organização e desenvolvimento dos processos de pensamento” (VIGOTSKII; LURIA; LEONTIEV, 2010, p.26). É por meio da linguagem que o homem compartilha com o outro social o seu aprendizado. Desta maneira, a linguagem constitui-se em chave de acesso da comunicação verbal, o indivíduo conforme inserido em um grupo social, apropriar-se-á das suas atividades, dos seus costumes, dos seus gostos, dos seus comportamentos, ou seja, de todo conhecimento produzido no decorrer da história.

Para o teórico em questão, sem a linguagem o ser humano não é social, nem histórico, nem cultural. Ela é nossa via de contato com o mundo, assim, o que fornece vida ao pensamento é a linguagem. Nesta perspectiva, o ser humano tem a habilidade de imaginar algo que não está presente, ideias que representam o real na sua ausência, o que podemos chamar de abstração. Tal abstração é aprendida com o outro social, na interação, no diálogo, aqui não podemos esquecer o quanto o professor tem importância, e não somente ele, mas lembrar do caminho que este oportuniza para a internalização do conhecimento. Portanto, a linguagem possui signos que permitem a abstração, a capacidade de imaginar algo não presente.

Do exposto depreende-se que o professor em suas interações em sala aula, realiza a mediação com uso da linguagem e provoca o interesse do aluno pelos conteúdos, o torna algo significativo, potencializando níveis ainda em

desenvolvimento, ampliando cada vez mais o estado de desenvolvimento da criança, auxiliando-a em seu crescimento intelectual, mediando experiências e aprendizados. Discutiremos o papel do professor, de modo mais detalhado na próxima seção.

3. A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: O PAPEL DO PROFESSOR

O professor é aquele que realiza a mediação, não como os demais pares sociais, mas o que faz a mediação do conhecimento sistematizado, ou seja, o conhecimento científico, ele está na base de formação de cada aluno seu, e nessa base de formação estão contidos desde aspectos biológicos, culturais e psicológicos como um todo. Dessa maneira, compreendemos que é na escola e em ambientes sociais, que o homem consegue se apropriar da cultura e dos saberes que foram produzidos historicamente ao longo dos séculos.

Vigotski (1998, apud SFORNI, 2015, p.376) em seus escritos, afirma que “[...] uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental”. Destarte, quais pressupostos básicos da Psicologia Histórico-Cultural evidenciam-se na prática pedagógica? O exposto até o momento nos permite compreender que na perspectiva da PHC, o principal ponto é a questão social que o professor realiza entre o aluno e o conhecimento historicamente construído, propiciando o aprendizado. Não obstante, considerando os estudos realizados ainda não encontramos formas muito claras de operacionalização em relação a como a prática pedagógica se conduziria pelas ações do professor. No entanto, Vigotski (1999b, p.115) escreve em uma de suas obras, que

[...] o aprendizado escolar induz o tipo de percepção generalizante, desempenhando assim um papel decisivo na conscientização da criança dos seus próprios processos mentais. Os conceitos científicos, com o seu sistema hierárquico de inter-relações, parecem construir o meio no qual a consciência e o domínio se desenvolvem, sendo mais tarde transferidos a outros conceitos e a outras áreas do pensamento. A consciência reflexiva chega à criança através dos portais dos conhecimentos científicos.

Nesta perspectiva o papel do professor inicia-se visando um processo de ensino, que favoreça o desenvolvimento do pensamento reflexivo e de conceitos científicos, de um saber elaborado e que promove transformação. Uma vez que uma criança que está aprendendo, tem mais do que a aquisição da capacidade de pensar, terá a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar várias coisas. Visto que,

[...] a tarefa do docente consiste em desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes; não em reforçar a nossa capacidade geral de prestar atenção, mas em desenvolver diferentes faculdades de concentrar a atenção sobre diferentes matérias (VIGOTSKII; LURIA; LEONTIEV, 2010, p. 108).

Desta maneira, Vigotski (2001, p. 241) assevera que “[...] o desenvolvimento dos conceitos científicos na idade escolar é, antes de tudo, uma questão prática de imensa importância” visto que, esses levam um tempo para se desenvolverem, para que as relações dos saberes sejam estabelecidas, e é na escola que ocorrerá o acesso ao conhecimento sistematizado, proporcionando ao aluno novos discernimentos, considerando-se que “[...] os conceitos científicos são os portões através dos quais a tomada de consciência penetra no reino dos conceitos infantis” (VIGOTSKI, 2001, p. 295). O autor ainda defende que

O curso do desenvolvimento do conceito científico nas ciências sociais transcorre sob as condições do processo educacional, que constitui uma forma original de colaboração sistemática entre o pedagogo e a criança, colaboração essa em cujo processo ocorre o amadurecimento das funções psicológicas superiores da criança com o auxílio e a participação do adulto (Vigotski, 2001, p. 244).

De tal maneira, a maior contribuição do professor é a mediação visando promover/oportunizar o acesso dos alunos ao conhecimento, de modo que o novo aprendizado seja aquele que mude as ações do aluno. Assim, quando a criança aprende a ler, seu contato social será novo, comparado ao modo que vivenciava antes da leitura, agora a criança pode compreender o que está circulando à sua volta, quer as revistas em quadrinhos, os jornais, os livros, as propagandas, os cartazes, enfim, o mundo letrado. Justamente, os passos do

professor se voltariam aos níveis de conhecimento dos alunos (NDR; NDP), sendo que, “[...] a área de desenvolvimento potencial permite-nos, pois, determinar os futuros passos da criança e a dinâmica do seu desenvolvimento e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação” (VIGOTSKII; LURIA; LEONTIEV, 2010, p. 113).

Concordamos com Sforzi (2015, p. 383) quando afirma que os professores tem dificuldades, em relação aos vários níveis em que uma turma se encontra, pois, o professor compreende que precisa atuar na ZDP, porém possui alunos em diferentes níveis. Mas como aspecto positivo, uma possibilidade seria considerar que a turma, com qualidades conjuntas, pode favorecer este trabalho, viabilizando o acesso ao conhecimento, conforme abordado na PHC. Afinal, como destaca Vigotski (1999a, p. 59) “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam”.

Destarte, o docente buscará ofertar ao aluno o aprendizado para que o mesmo se desenvolva, e nesse processo histórico, os conhecimentos se encontram em mediações simbólicas seja com uso dos signos, e/ou instrumentos. Neste contexto, conforme princípios da abordagem teórica em questão, a linguagem é um caminho do aprendizado, pois permite ao homem estabelecer novas FCP e/ou desenvolver as já existentes, uma vez que,

A apropriação desse patrimônio cultural pelo sujeito permite que ele possa contar com complexos mediadores culturais em sua relação com o mundo, ampliando sensivelmente as capacidades que lhe são asseguradas pela herança genética. Ao se apropriar dos sistemas simbólicos produzidos por seus antecessores, o homem não só adquire conhecimentos, mas também se apodera do nível de pensamento já alcançado pela humanidade, o qual está objetivado nesses conhecimentos. Desse modo, a possibilidade de desenvolvimento psíquico está na apropriação dos mediadores culturais (SFORZI, 2015, p.5).

Desta maneira, o trabalho do professor necessita ser teórico-prático e conduzido, de modo que, promova o melhor ensino e o melhor aprendizado ao aluno, em outras palavras, promover o acesso ao conhecimento realizando

uma mediação de qualidade. Concordamos com Sforni (2015, p.6), quando afirma que, para que o professor

[...] tenha condições de planejar sua atividade, o professor precisa refletir e analisar suas ações orientando-se pelo fim que deseja atingir. Ou seja, tão importante quanto ter clareza sobre o que deseja “produzir” (a aprendizagem almejada) é ter domínio dos instrumentos físicos e simbólicos que tornam essa “produção” possível.

O acesso do aluno ao conhecimento sistematizado provoca, não somente a compreensão, mas também a reflexão e o auxilia no processo de estabelecer ligações entre um tema e outro. Por isso, o papel da escola consiste em ir além do senso comum, uma vez que,

[...] a escola trabalha com o conhecimento científico e, ao transmitir determinado conteúdo, transmite, também, formas de pensar, analisar, reelaborar e agir. É importante ressaltar, ainda, que para se posicionar conscientemente diante de qualquer fato, fenômeno ou conceito, é imprescindível o saber sistematizado (SFORNI e GALUCH, 2006, p. 153).

Desse modo, a escola oportunizaria o ensino que promove autonomia e criticidade perante as demandas sociais, objetivando a formação humana. Afinal “[...] para o indivíduo compreender, analisar e expressar a realidade objetiva depende da qualidade da linguagem que ele internaliza e, na escola, linguagem é conteúdo das diferentes ciências” (SFORNI e GALUCH, 2006, p. 156). Já que o professor é quem detém maior experiência, oportunizando a aprendizagem às crianças, é ele quem media o saber elaborado, auxiliando a criança em questões que ela ainda não resolve sozinha, destarte, a esse espaço entre o que a criança é capaz de realizar por si e a sua potencialidade, Vigostski (2000) chamou de zona de desenvolvimento iminente ou proximal e destacou que é nesse espaço que o professor deve intervir e orientar sua prática pedagógica de forma a mediar o processo de apropriação dos conceitos científicos (SAITO et al, 2016, p. 1159).

Assim, como já mencionado anteriormente, a função do professor é mediar os conteúdos, possibilitando ao aluno ampliar seu repertório de conhecimentos. Promovendo o acesso ao conhecimento sistematizado, instiga os alunos a tentarem, problematizando a ação, depois permite ao aluno com a

mediação realizar a ação e, parafraseando o dito popular, “não dar o peixe, mas, ensinar a pescar”.

O nosso ciclo de ensino aprendido concretiza-se na comunicação com os demais sujeitos, destarte a linguagem nos abre caminhos para o conhecimento, uma vez que a criança pequena também aprende por meio da imitação, já que

[...] a experiência social exerce seu papel através do processo de imitação; quando a criança imita a forma pela qual o adulto usa instrumentos e manipula objetos, ela está dominando o verdadeiro princípio envolvido numa atividade particular (VIGOTSKI, 1999a, p. 29).

Ao crescer e conquistar a fala, a criança tem suas possibilidades de aprendizado e conscientização aumentadas. Concordamos com Rodriguero e Yaegashi (2013, p. 51) quando destacam que “[...] a linguagem, formada durante o processo histórico e adquirida pela criança por meio do diálogo contextualizado de interação, é o principal instrumento do pensamento”. Justamente, esse elemento permite ao professor estabelecer meios de troca com seus alunos entende-se, portanto, que o desenvolvimento cognitivo é sempre permeado pela relação com o outro social. E, neste contexto, o ensino que chega à criança de maneira significativa, terá outro papel, o efetivo na vida, pois quando se aprende nossas estruturas intelectuais se modificam, e assim o professor atua de forma que o conhecimento transforma-se em ação, por exemplo, o aluno quando aprende o sistema monetário, elevou suas práticas no cotidiano, agora entende e pode operar com o dinheiro em sua vida cotidiana.

4. PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: A BRINCADEIRA COMO UM RECURSO POSSÍVEL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Descrevemos até aqui, aspectos da trajetória de Vigotski, dos pressupostos da PHC, e papel do professor nesta perspectiva, objetivando maior compreensão da temática e buscando atender aos objetivos definidos para o presente trabalho. Por meio dos estudos realizados, pudemos entender que a função maior do professor, envolve intervir na ZDP de seus alunos pela

mediação. Destarte, as atividades precisam promover o aprendizado e desenvolvimento das crianças, e essas não aprendem somente com o professor, mas também com seus colegas, pais, sua família. Cabe à escola, nesse contexto, responsabilizar-se pelo conhecimento sistematizado, e ao professor, a ciência de seu papel mediador.

Aprendemos algo quando conseguimos internalizar, ou seja, reconstruir internamente uma operação externa, de maneira que, ao fazermos novamente, não precisamos relembrar como fazer, pois já nos apropriamos, e assim conseguimos elaborar um raciocínio mais rápido, ou seja, num nível superior. De exemplo, temos o ato de dirigir o carro, chegamos inclusive a falar, por vezes, para organizar melhor nossas ações em nossas primeiras práticas, mas quando conseguimos, o nosso comportamento segue sem precisarmos recorrer à ação mental do passo a passo que o dirigir exige.

Neste sentido, é importante desafiar a criança a aprender, promovendo por exemplo, recursos/brincadeiras visando o desenvolvimento da memória, da atenção, do raciocínio lógico, da imaginação, do pensamento abstrato, e demais funções complexas do pensamento. Sempre promovendo a mediação para o aprendizado, e valorizando as possibilidades e não as limitações.

Nesse caminho, nos propomos a tratar do papel do brincar para o desenvolvimento da criança, considerando que o brincar é algo que faz parte da infância, e que nas brincadeiras as crianças representam o que costumam observar do mundo adulto, experimentando diferentes papéis sociais.

Em relação ao brinquedo, Vigotski (1999a) assevera que o mesmo envolve imaginação e regras, ou seja, nas brincadeiras de cozinhar, de cuidar da boneca, a criança se imagina na situação, afinal há regras ocultas, assim, ao dar um banho na boneca, a criança segue o exemplo que vê em sua rotina. Essa forma de pensar é referendada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNE) quando preconiza assim:

As brincadeiras de faz-de-conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais, didáticos, corporais etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica (BRASIL, 1998, p. 28).

Como exemplo, no jogo de damas as regras são explícitas, enquanto na imaginação são ocultas, de modo que a criança imagina sua ação e a do outro. Quando a criança brinca, o significado não é mais subordinado ao objeto, assim, a garrafa pode tranquilamente ser um boneco, ou a fileira de cadeiras um trenzinho. Vigotski (1991) afirma que o brinquedo cria a zona de desenvolvimento proximal na criança.

Importante ainda destacar que o brincar é direito da criança e consiste numa “[...] forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil” (BRASIL, 1998, p.13).

Deste modo, Vigotski destaca que o brinquedo foi inventado para a criança realizar vontades que ela ainda não pode realizar efetivamente na vida, “[...] a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo” (VIGOTSKI, 1991, p.62). Quando ela brinca, ela participa do faz de conta, usa o brinquedo de maneira simbólica, e nessa ação há regras, compatíveis com o comportamento a que ela se remeter.

Conforme o autor em questão, quando a criança imita a mãe, ela se remete a regras do universo maternal, ou na idade pré-escolar quando ela pega uma vassoura e imagina uma moto, ela segue as regras de um motociclista, no ligar a moto, no som emitido, no caminho a percorrer, até possíveis semáforos em seu trajeto imaginário. Assim, “[...] sempre que há uma situação imaginária no brinquedo, há regras - não as regras previamente formuladas e que mudam durante o jogo, mas aquelas que têm sua origem na própria situação imaginária” (VIGOTSKI, 1991, p.64). Brincadeiras, como cirandinha, batata- quente, passa anel, esconde- esconde, dentre outras, são também exemplos de atividades que tem regras pré-estabelecidas e que precisam ser respeitadas pelo grupo, para que aconteçam.

Neste contexto há o reconhecimento de que o brinquedo influencia no desenvolvimento de uma criança, pelo campo abstrato, pois, conforme Vigotski (1991, p.67) quando ela brinca permite “[...] que as categorias básicas da realidade passem através de sua experiência”, indo, neste caso, além do seu

comportamento diário, compondo-se de ações superiores. Ainda no exemplo do brincar de dirigir uma moto, esta criança está longe de conseguir realizar no real a ação, mas em sua atividade de imaginar e brincar ela é capaz de experimentar a atividade no mundo imaginário, com base no que viveu e observou em sua família, assistiu em um dado momento, enfim pelo convívio social.

Deste modo, entende-se que o professor pode buscar em sua rotina escolar promover atividades que envolvam jogos e brincadeiras para o desenvolvimento e aprendizado de habilidades motoras, percepção visual, equilíbrio, controle de ansiedade, estratégias, uso da imaginação, etc., afinal, o brincar faz parte da infância, e pode constituir-se em recurso utilizado nas instituições escolares, destinando-se tempo para essa atividade livre ou mediada, visando o desenvolvimento e a aprendizagem.

Conforme preconiza o RCNEI (BRASIL, 1998), o professor quando organiza e oferta aos alunos, materiais e espaços para esses momentos lúdicos, estará enriquecendo o crescimento das referidas competências. Compreende-se, diante do exposto, ser o lúdico, um importante caminho e mesmo indispensável para o desenvolvimento e aprendizado, pois quando a criança está brincando, ela está conhecendo algo novo, está interagindo socialmente. Nas palavras de Rolim et al (2008, p. 177)

A criança, ao brincar, expressa sua linguagem por meio de gestos e atitudes, as quais estão repletas de significados, visto que ela investe sua afetividade nessa atividade. Por isso a brincadeira deve ser encarada como algo sério e que é fundamental para o desenvolvimento infantil.

Posto isso, vale ressaltar que, utilizando o lúdico, o professor estará oportunizando aos seus alunos uma maneira criativa e prazerosa de aprender, afinal, brincando a criança expressa emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades (BRASIL, 1998, p.63).

Nesta forma de pensar, o trabalho do professor pode ser estruturado com base na PHC, em sala de aula, com os conteúdos sistematizados e atividades lúdicas, sendo sua mediação fundamental quanto ao caminhar dos seus alunos, trazendo brincadeiras utilizadas como recursos que permitam o

desenvolvimento e o aprendizado, tanto na Educação Infantil, com espaços que propiciem aos alunos o correr, usar seus brinquedos e usufruir de materiais para criar novos instrumentos e brinquedos, imaginar situações novas, quanto no Ensino Fundamental, no qual o brincar não deve ser totalmente retirado, uma vez que se trata de uma nova etapa escolar, iniciando-se uma nova rotina, com regras e encaminhamentos diferenciados.

Há inúmeras brincadeiras e jogos, além dos já citados, que permitem o aprendizado do aluno ludicamente, dentre os quais: o jogo da memória, foi a feira, para estimular o uso da memória; se o aluno possui momentos no parque, o professor pode mediar a observação das formas geométricas no espaço, se há brinquedos que possam testar, os tamanhos, quanto cabe de um no outro; e, assim, uma mediação nas ações, que deve prosseguir nesse caminho para o conhecimento. No ensino infantil, podem ser utilizadas ainda, brincadeiras que auxiliem o desenvolvimento motor e coordenação motora das crianças, lateralidade e, ainda, atividades que o professor pode oportunizar ao aluno e que promovem o raciocínio lógico, estratégico, concentração, memória, habilidades importantes no processo de aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Definimos a Psicologia Histórico-Cultural como condutor teórico de realização deste trabalho. Tratamos da mediação reconhecendo-a como função do professor, e o modo por meio do qual o ensino se efetiva na prática escolar, na relação professor e aluno, favorecendo o desenvolvimento das já existentes e o surgimento de novas funções complexas do pensamento. Compreendemos a partir do estudo, que o trabalho do professor nesta perspectiva teórica consiste em mediar o conhecimento científico ao seu aluno, atuando na ZDP.

Apresentamos com base em Vigotski, dois principais elementos mediadores para o ser humano, os instrumentos e os signos. Exemplificando em sala de aula, pensamos os instrumentos como o caderno, o lápis, e demais materiais que o aluno utiliza para registrar os signos sendo que esses se referem aos conhecimentos abstratos. Por signos podemos entender as letras,

os números, os desenhos, e demais símbolos que auxiliam na abstração e na construção do conhecimento.

Deste modo, como resultado no que se refere aos pressupostos básicos da Psicologia Histórico-Cultural que se evidenciam na prática pedagógica, destacamos o papel mediador do conhecimento exercido pelo professor, a importância de que o conhecimento seja significativo para a vida do aluno, de tal maneira que este possa internalizá-lo visando atuar socialmente com o novo saber.

O papel do professor nesta vertente inclui ainda, oferecer caminhos de reflexão para cada conteúdo trabalhado. Se o aluno entende o processo histórico, se o conteúdo altera sua visão e postura como ser social, levando-o a questionamentos e a atuar numa nova consciência, pode-se entender que o papel do professor foi cumprido. Como encerramento, apontamos no presente trabalho a brincadeira como recurso que auxilia o professor a trabalhar ludicamente em seu ensino, entendendo e destacando que a brincadeira faz parte da infância, uma vez que, permite aos alunos abstraírem, memorizarem, desenvolver atenção, e muitas outras capacidades, principalmente quando mediadas.

Por fim, consideramos que a Psicologia Histórico-Cultural, se efetiva nas mediações do professor, que almeja ensino científico e visa a promoção intelectual, de caráter reflexivo para seu aluno. O estudo permitiu também, compreender mais detalhadamente pressupostos e aplicabilidade da Psicologia Histórico-Cultural e seus desdobramentos, enquanto base teórico-metodológica para atuação profissional, e dessa forma acreditamos que pode contribuir com reflexões acerca do tema. Ressaltamos, no entanto, a importância e necessidade de mais estudos a respeito da Psicologia Histórico-Cultural e possíveis práticas pensadas e organizadas para a sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília, 1998.

COELHO, L.; Pisoni, S. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista E - PED – FACOS/CN EC OSÓRIO**, vol.2–nº1–ago/2012– ISSN 2237-7077.

LAKATOS, M. E.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo. Atlas, 4ª ed. Revista e Ampliada, 1992.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio – histórico**. São Paulo: Scipione, 2011.

RODRIGUERO, C. R. B.; YAEGASHI, S. F. R. **A Família e o Filho Surdo: uma investigação acerca do desenvolvimento psicológico da criança segundo a abordagem**

ROLIM, A. A. M; Guerra, S. S. F; TASSIGNY, M. M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Rev. Humanidades**. Fortaleza, v. 23, n. 2, jul/dez/2008, p. 176-180.

SAITO, H. T. I; LUCAS, M. A. O. F; MIRANDA, M.de J. C.. A mediação docente no desdobramento da prática pedagógica. **Linha Mestra** (Associação de Leitura do Brasil) Campinas, SP. v. 30, p. 1158-1162, 2016.

SFORNI, M. S. F. A teoria histórico cultural e a pesquisa no campo da didática. **EdUECE- Livro 2**. Ceará. Disponível em: <<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/A%20TEORIA%20HIST%C3%93RICO%20CULTURAL%20E%20A%20PESQUISA%20NO%20CAMPO%20DA%20DID%C3%81TICA.pdf>> .

SFORNI, M. S. F Interação entre didática e teoria histórico cultural. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre. v. 40, n. 2, abr./jun. 2015. p. 375-397. ISSN 21756236.

SFORNI, M. S. F; GALUCH, M. T. B. Conteúdos escolares e desenvolvimento humano: Qual a unidade? **Revista Comunicações**. Piracicaba, ano 13, 2006, p. 150-158. Disponível em: Portal Metodista de Periódicos Científicos e Acadêmicos. Acesso em: 23/08/2018.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

VIGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Icone, 2010.